

Café robusta não é mais um coadjuvante

Apresentando um painel intitulado “2011-20: a década do robusta”, a palestra de Raja Saoud, alto executivo da Outspan, empresa que em 2010 foi uma das maiores exportadoras de café brasileiro, embarcando 1,824 milhão de sacas, fez uma análise detalhada da produção e demanda mundiais da variedade, resgatando dados históricos e fazendo projeções para o futuro.

Saoud iniciou sua intervenção lembrando que a participação do robusta à produção mundial de café cresceu de 30% para 40% nos últimos 10 anos, e isso aconteceu porque a oferta global de robusta tem crescido a taxas superiores às do arábica. De 1990/00 a 2010/11, a produção mundial de robusta cresceu em média 1,7% ao ano. Essa alta na produção, por sua vez, vem sendo puxada por um crescimento ainda maior do consumo, que no mesmo período registrou um aumento médio anual de 3,6%. Resumindo: o consumo de robusta tem crescido mais rapidamente que sua produção, o que aponta, segundo Saoud, para um balanço cada vez mais apertado entre a oferta e a demanda, e a consequente alta nos preços internacionais do robusta.

O executivo observou, porém, que o aumento da oferta mundial de robusta deu-se quase que exclusivamente através do Vietnã e Brasil. Não houve mudanças significativas de oferta em outras regiões do planeta. Atualmente, a oferta mundial de robusta está dividida da seguinte forma: Vietnã 39%; Brasil 25%; Indonésia 15%; África 13%, outros países da Ásia 8%. A Ásia tem o controle de 61% da produção mundial de robusta.

Já no consumo, temos o seguinte quadro: 39% é consumo na Europa Ocidental; 17% na Europa Central e do Leste; 18% nas Américas; 5% na Ásia; e 11% na África e Oriente Médio. Saoud lembrou que, mesmo apresentando taxas de crescimento muito baixas, o consumo de robusta na Europa Ocidental deve continuar impactando fortemente no mercado. Por causa da grande quantidade consumida, mesmo um aumento modesto, abaixo de 1%, faz enorme diferença.

A previsão de Saoud, com base em números da LMC/Olam, é de que o consumo de robusta siga crescendo 1% na Europa Ocidental; 3,1% nas Américas; 2,7% na Europa Central e do Leste; 3,5% na Ásia do Pacífico; e 2,8% na África e Oriente Médio.



Interessante notar que os mercados de maior potencial para o robusta são os próprios países produtores de café, conforme se pode ver num dos gráficos exibidos por Saoud: enquanto o consumo de robusta cresceu 2,2% em 2010 nas nações importadoras, esse percentual salta para 6,2% quando se olha para os países produtores. Na média dos últimos oito anos, o consumo de café arábica e robusta cresceu 3,7% nos países produtores; sendo que, considerando apenas o robusta, o crescimento médio anual foi de 7% de 2000 a 2010.

Uma das características da produção mundial de robusta é a sua maior concentração em poucos países. Apenas 3 produtores (Vietnã, Brasil e Indonésia) respondem por 79% da produção mundial da variedade. Um outro gráfico mostra que apenas as produções de Brasil e Vietnã tem apresentado crescimento nos últimos dez anos. A Indonésia ficou praticamente estagnada ao longo do período.

Interessante ainda estudar a profunda diferença nos níveis de produtividade entre os países produtores. Nesse quesito, o Vietnã é campeão absoluto, com produtividade em torno de 36 sacas por hectare, seguido do Brasil, cuja média nacional é de 27,66 sacas por hectare (vale notar que a média brasileira é puxada para baixo por regiões produtoras ainda bastante atrasadas, como Rondônia; as regiões do norte do Espírito Santo alcançam facilmente níveis “vietnamitas” de produtividade). Indonésia registra produtividade média de 7 sacas por hectare e a Índia, de 16 sacas.

O executivo observa que o consumo de robusta vem crescendo nos próprios países produtores de variedade; no grupo dos quatro principais produtores (Brasil, Índia, Indonésia e Vietnã), o percentual da produção consumida internamente subiu de 30% para 35% nos últimos cinco anos. Essa tendência deverá continuar, diz Saoud, a menos que o ritmo de aumento de produção se acelere. A produção de robusta do grupo cresceu 2,3% por ano, nos últimos cinco anos, enquanto o consumo da variedade aumentou 6,5%.

A arbitragem entre as cotações do café arábica na bolsa de Nova York e as do robusta na bolsa de Londres

Robusta Acreage & Yield In Key Origins

Coffee Year	Vietnam			Indo.			India			Brazil		
	Pdn	Acreage	Yield	Pdn	Acreage	Yield	Pdn	Acreage	Yield	Pdn	Acreage	Yield
2007/08	18,000	497	36.22	6,500	1,154	5.63	2,825	202	13.99	11,225	510	22.01
2008/09	19,175	509	37.65	7,400	1,132	6.54	3,047	204	14.95	12,700	518	24.54
2009/10	19,167	531	36.10	7,700	1,058	7.27	3,250	205	15.87	13,475	521	25.84
2010/11	19,167	537	35.69	7,500	1,057	7.10	3,250	206	15.80	13,325	520	25.63
2011/12	19,000	540	35.19	7,500	1,059	7.08	3,300	207	15.97	14,300	517	27.66
CAGR		2.1%	-0.7%		-2.1%	5.9%		0.6%	3.4%		0.3%	5.9%

tem se ampliado bastante nos últimos meses, o que é um fator a mais a tornar o robusta ainda mais atrativo: ficando mais barato em relação à NY, há estímulo para um uso maior de robusta nos blends para evitar aumento nos preços finais ao consumidor.

Saoud lembra que o potencial de consumo nos mercados emergentes, particularmente na Ásia é muito grande, e o produto que pode introduzir o café nessas regiões é o solúvel, cuja matéria-prima principal é o robusta. Segundo o executivo, com base em projeções da LMC/Olam, o consumo de solúvel no mundo cresceu a uma taxa anual de 2,95% de 2005 a 2010, a qual deverá subir para 2,7% durante o ciclo 2011 a 2015.

Seis países tem mostrado um crescimento marcante no consumo de solúvel nos últimos anos e devem continuar apresentando taxas de crescimento acima de 3% até 2020: Brasil, Indonésia, Tailândia, Filipinas, Malásia, Índia e China.

Saoud estima que se o consumo mundial de robusta continuar crescendo no mesmo ritmo verificado nos últimos 10 anos (média anual de 3,6%), deverá saltar dos atuais 54,4 milhões para 77,6 milhões de sacas em 2020, um aumento de 23 milhões de sacas. Caso o crescimento arrefeça para uma taxa média anual de 2,5%, deverá atingir 69,74 milhões de sacas, ou 15 milhões de sacas acima do volume consumido hoje. Uma estimativa mais conservadora, que use uma taxa de crescimento baixa, de 1,75% ao ano, significaria um acréscimo de 10 milhões de sacas no consumo mundial de robusta, que chegaria a 64,8 milhões de sacas em 2020.

Portanto, mesmo a previsão mais pessimista embute a necessidade de o mundo aumentar sua produção em mais ou menos 10 milhões de sacas.

Que regiões poderiam suprir esse aumento da demanda? Saoud analisará caso a caso. Primeiro, o Brasil. Segundo o executivo, a área total cultivada com robusta tem se mantido estável no país. Há um aumento no sul da Bahia, estabilidade no Espírito Santo e queda em Rondônia.

A produtividade, todavia, tem registrado um crescimento importante nos últimos anos, com uso de espécies mais resistentes a doenças e mais produtivas, expansão das áreas irrigadas, melhores tratamentos culturais. O custo de produção de robusta no Brasil, segundo Saoud, está menor do que o arábica. Com base nestes dados, e considerando que a produção brasileira de robusta cresceu em média 4,4% ao ano de 2006/07 a 2010/11 (segundo a Conab), a projeção para os próximos dez anos é que a safra

nacional atinja 16,5 a 17,5 milhões de sacas em 2020. Isso representaria um acréscimo de aproximadamente 3 milhões de sacas na oferta atual da variedade, ou seja, ainda insuficiente para atender o crescimento do consumo global que se espera para o período.

Para o Vietnã, Saoud não vê potencial para aumento da área plantada e a produtividade no país já atingiu níveis além dos quais é difícil ir adiante. Mas há planos em marcha no país para renovação de 154 mil hectares de lavouras velhas, o que poderá puxar para cima o rendimento dessas áreas, levando a produção nacional chegar em 22 a 23 milhões de sacas, acrescentando mais uns 2 a 3 milhões de sacas à oferta mundial.

A Indonésia, por outro lado, tem um grande potencial para aumentar a produção em 3 ou 4 milhões de sacas, sobretudo com aumento da produtividade, que ainda é muito baixa no país, mas também com expansão da área cultivada. Para isso acontecer, porém, será necessário que o governo tenha vontade política e faça investimentos em treinamento, formação de mercado e infra-estrutura. Caso ações políticas não sejam feitas, a produção de robusta no país poderá inclusive cair, o que poderia ser desastroso para a balança global do robusta no mundo, especialmente à luz do acelerado aumento do consumo de robusta na própria Indonésia.

Para Índia, Saoud vê poucas chances de um aumento real na produção de robusta, em função da falta de terras disponíveis e das dificuldades de obtenção de mão-de-obra.

Outros países asiáticos (China, Laos, Myanmar, Tailândia, Filipinas e Cambodja) podem dar uma contribuição de até 1,25 milhão de sacas nos próximos anos, num cenário positivo.

A África, por sua vez, pode agregar apenas 1 milhão de sacas até 2020, segundo Saoud, devido a uma série de deficiências na área de infra-estrutura e estabilidade política.

Concluindo, as perspectivas reais de aumento de produção, e mesmo que o consumo creça a taxas muito modestas, apontam para um cenário de déficit. O consumo vem crescendo a taxas superiores à produção e, segundo Saoud, há necessidade premente de expandir os cultivos de robusta, o que só poderá ser feito através do pagamento, pelo mercado, de preços mais remunerativos e mais estimulantes. ☺